FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL

D I S C U R S O

PROFERIDO PELO PROF. AGNELLO BITTENCOURT, COMO REPRESENTANTE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS EM 28 DE NOVEMBRO DE 1959

Cat. s/numeração

Reg. protocolo nº 1057 (Folha 6 verso) Livro

RIO DE JANEIRO
1959

SEC-39592
-4782-

AGNELLO BITTENCOURT
Rua Jardim Botânico, 228-ap. 7
RIO DE JANEIRO — D. F.

Ao reputado amazonólogo
Prof. Mário Ypiranga Monteiro,
homenagem do Agnello Bittencourt
Rio, 14-12-959.

DISCURSO PROFERIDO PELO PROF. AGNELLO BITTENCOURT, COMO REPRESENTANTE DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS, NA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL, EM 28 DE NOVEMBRO DE 1959.

Sr. Presidente, Desembargador Castello Branco
e demais componentes da Mesa;

Minhas Senhoras;

Ilustres Acadêmicos;

Meus Senhores:

Quando um recepiendário transpõe os umbrais de um templo da inteligência e da cultura, convidado para integrar um conclave de eruditos, mesmo não sendo um neófito, sente-se perturbado. Um sobressalto lhe acomete o espírito na ocorrência de, pelo menos, três fatores psicológicos: a insigne honra do ingresso, uma gratidão imensa e avassaladora e a alegria extravasante de uma conquista. E' êsse o meu estado emotivo ao me achar, simbòlicamente, em face de um suposto batistério para que minha modesta vida literária receba a água lustral de uma nova investidura acadêmica.

Nunca aspirei fazer parte dêste egrégio sodalício. Desde bem jovem, adotei o lema que os gregos dos tempos fabulosos haviam escrito sôbre a porta do Templo de Delfos — «Conhece-te a ti próprio». Sei, no entanto, que nas assembléias de hoje há uma democracia intelectual de entradas mais largas e liberais, para admitir também o acolhimento dos homens que não nasceram tocados pelo condão mágico e misterioso do gênio.

Vim da maior e mais ubertosa planície fluvial do mundo, onde o esplendor da natureza ensina a gente a se familiarizar com o sol, símbolo da civilização; bem assim a perscrutar o horizonte amplo, emblema da liberdade. De lá cheguei e aqui

Anul
0360
ex.2

estou, mandado pela Academia Amazonense de Letras, uma instituição que conta mais de 41 anos de existência sempre ciosa do plantio das boas sementes, daquelas que se não deixam cair em terrenos sáfaros ou sarmentosos.

Trago dos meus confrades uma dupla e honrosa incumbência: a de vos saudar cordialmente, Senhores Acadêmicos, e de, com o permissão da vossa acolhida, substituir o saudoso escritor RAUL DE AZEVEDO, que foi, nesta Casa, um elemento de realce nos seus plenários e na sua Revista.

Pelo sodalício de que sou agora humilde porta-voz, têm passado mentalidades solares, revérberos daquele esplendor a que me referi há pouco. E' bem oportuno citar, entre outros, os nomes de Adriano Jorge, Heliodoro Balbi, Alfredo Augusto da Matta, Péricles Morais, Jonas da Silva, Gaspar Guimarães, Thaumaturgo Vaz, Vivaldo Lima, Araújo Filho, Huascar de Figueiredo, Araújo Lima, Benjamin Lima, João Leda, Raul de Azevedo, todos falecidos, porém nunca esquecidos, não apenas pela memória de seus escritos, de brilho perene, como também pela verdade encerrada no conceito de que mentalidades construtivas, como foram as suas, fazem-se contemporâneas de épocas futuras.

Outros intelectuais, igualmente dignos, surgiram e surgirão sempre, para alimentar o fogo sagrado da cultura regional, naquele nosso «Jardim de Acádemus», cujas árvores se rendem, no tempo, como as florestas que o envolvem, na floração e frutificação de uma eterna primavera.

Igual fenômeno ocorre, em ponto maior, com a Federação das Academias de Letras do Brasil, para perpetuação e prestígio imarcescível dêste Sodalício, em que se congrega, pela adjunção de elementos homogêneos, oriundos de todos os Estados do País, uma notável assembléia de alta expressão cultural, cujo resultado estratificado constitui, sem dúvida, a média mais exata da mentalidade literária brasileira. Assim, há que observar, é a inteligência aplicando uma lei secreta da cristalografia — unindo, amalgamando, para a preparação do mais puro cristal.

Bastante razão teve o consagrado professor Afrânio Coutinho, quando, recentemente, escreveu, em brilhante trabalho inserto na Revista «Cadernos Brasileiros» (n.º 2, de julho e setembro do corrente ano), o seguinte pensamento, que peço

vênia para fazer meu: «A cultura é um instrumento de comunhão. E' a sua finalidade máxima. Nas fontes da cultura, um povo se encontra e unifica.»

A Federação das Academias de Letras do Brasil muito tem concorrido para o acrisolamento da unidade nacional, no âmbito das letras e no sentido da verdadeira brasilidade, através do intercâmbio espiritual que sistemàticamente promove e que constitui sua finalidade precípua.

Cada um de nós, como contribuição, trouxe de sua gleba um punhado de terra fértil, que aqui misturamos, para o plantio da árvore frondosa à cuja sombra amável nos reunimos.

No lugar que, com orgulho, ora passo a ocupar, por muitos anos Raul de Azevedo foi elemento de destaque, como bem sabeis.

Ao substitui-lo, agrada-me evocá-lo, a êle que tão bem conheci.

Diz-se que os velhos gostam de evocar e, não fugindo à regra, confundo êste prazer impregnado de saudade no dever de traçar o perfil de meu antecessor.

Não o farei, entretanto, pela maneira formal, rígida e soporífera que temeis, até porque seria repetir coisas do vosso inteiro conhecimento. Darei apenas algumas pinceladas com tintas que gravei na memória, compondo um quadro de contornos leves, contendo a figura impressiva e cavalheiresca de Raul de Azevedo.

No apagar das luzes do século passado, a Amazônia, pela valorização da borracha, tornou-se um segundo centro econômico do País. Gentes de tôdas as camadas sociais alcançaram a Planície, à procura do velocínio encantado. A ambição de enriquecimento rápido pelo comércio da goma-elástica atraiu uma horda, não de vândalos, mas de sonhadores, sobretudo originários do Nordeste.

A massa ignara, na sua quase totalidade, embrenhou-se nas florestas, mas em Belém e Manaus ficou a outra parcela — eram intelectuais de inegável valor, médicos, advogados, professôres e jornalistas — não menos ambiciosos, não menos aventureiros, não menos sonhadores que os seringueiros seus conterrâneos. Era gente de prol que ia ajudar a elevar a Amazônia a um pedestal de riqueza e brilho inigualáveis.

Entre êsses, achava-se Raul de Azevedo, formando na grei da «jeunesse dorée» manauense (expressão muito usada na época) e que, saído de São Luiz do Maranhão, a «Atenas do Norte», iria se fixar por muitos anos da Capital Baré, que êle mesmo cognominaria de «Cidade Risonha».

Corria o ano de 1897, climático para o partidarismo regional amazônico. Raul de Azevedo fundara, nessa época o jornal «Rio Negro», de que foi redator-chefe, destinando-o a defender o govêrno do jovem capitão do Exército Fileto Pires Ferreira. Foi o jornalista nomeado Secretário Geral do Estado. Teve de desdobrar-se entre a burocracia e a imprensa.

Pouco havia decorrido da metade do período governamental de Fileto Pires, quando êste, inexperiente e de boa fé, acreditando na solidariedade dos amigos e, máxime, na maioria quase absoluta de que dispunha no Congresso Legislativo, embarca para a Europa, devidamente licenciado e fartamente subvencionado.

Na ausência do Governador, encontrando-se êle em Paris, forjam-lhe os seus «amigos incondicionais» da véspera uma «renúncia» do cargo. Apenas uma limitada minoria não se bandeia, no Congresso, protestando contra a farsa iníqua.

Fileto Pires é informado de tudo, na França. E regressa sem demora. Aporta a Belém do Pará e prossegue viagem em outro navio, no mesmo dia.

Raul de Azevedo, fóra então, das funções de Secretário Geral, não acompanha os trânsfugas, glória seja à sua memória. Firme no seu jornal, prepara uma edição de luxo, verdadeira poliantéia, para ser distribuída na manhã em que o «renunciante» desembarcasse. Nesse número do diário «Rio Negro», liam-se estas e outras tiradas: «a embarcação chegou embandeirada»; «a multidão se aglomerou no litoral da cidade, para saudar Sua Excelência»; «girândolas de foguetes estouraram nos ares»; «as fanfarras tocaram as melhores peças de seu repertório»; «o doutor Fulano falou em nome dos amigos leais e por fim Sua Excelência agradeceu comovido e desembarcou, indo reassumir o Govêrno do Estado».

Mas, Senhores, o telégrafo sub-fluvial, como de costume, estava interrompido. Nada se sabia, em Manaus, a respeito, senão que o navio transporte do Governador havia saído de Belém. Não se tivera notícia, todavia, de que regressara à Capi-

tal Paraense, à vista de informação prestada em caminho por uma embarcação que descia o Rio Amazonas, de que Fileto não chegaria a desembarcar em Manaus, pois seria morto, e o transporte governamental bombardeado.

O jornal de Raul de Azevedo fôra distribuído inadvertidamente.

Estava na Presidência da República o grande estadista que foi Campos Salles, mas a farsa teve o seu **consumatum est.**

Resta saber como Raul de Azevedo tentou justificar o «cochilo» de seu jornal, daquele número que, em 30 de julho de 1897, foi o canto de cisne de uma administração derrubada definitivamente por manobras maquiavélicas.

A redação do «Rio Negro» declarou, pelas colunas de outro órgão da imprensa, que o culpado de tudo foi o serviço de revisão das provas tipográficas, porquanto, em todos os artigos, discursos e notícias, os verbos que estavam no pretérito perfeito deveriam ser entendidos no futuro... Assim, «multidão se aglomerou no litoral», etc., dever-se-ia ler «multidão se aglomerará»; «girândolas de foguetes estouraram nos ares» substituir-se-ia por «estourarão nos ares», e assim por diante.

Vide, Senhores, como em todos os tempos e lugares os pobres revisores de jornal têm tido as costas largas...

Raul de Azevedo certamente deveria ter sofrido muito por motivo daquele fim tão melancólico do seu jornal e da sua política.

Outro episódio deu-se quatro anos depois, estando no Govêrno do Estado Silvério José Nery, um amazonense de princípios austeros, que procurou conduzir os negócios públicos pelo melhor caminho, tendo, não obstante, a combatê-lo, uma oposição restrita mas forte, entrincheirada no seu órgão «Quo Vadis?», redigido por intelectuais de escol.

Para defender o situacionismo, lá estava o velho jornal «Amazonas», sob a chefia de Raul de Azevedo. Os dois diários viviam, entre si, de baterias acesas, incessantes.

Conta-se que a redação do «Amazonas» cogitou de lançar à rua um pasquim cujas sátiras contra os adversários deveriam ser as mais difamadoras, sórdidas e abjectas. Assim se fez, insertando, entre as catalinárias, clichês indecorosos, obcenos.

Os responsáveis pelo «Quo Vadis?» souberam da tramóia e, até, do dia em que a folha malsã seria distribuída. Providenciaram para efetuar o açambarcamento da edição. Na manhã aprazada, colocaram agentes nas esquinas das ruas circunvizinhas do «Amazonas», incumbidos de apanhar o jornaleco de distribuição gratuita. Cada distribuidor (geralmente um menino) que ia passando era abordado e «comprado» por cédulas de vinte mil réis. E, dêsse modo, se coletou a maior parte daquele amontoado de diatribes e infâmias, logo transportadas para as oficinas do «Quo Vadis?». Uma vez ali, cada exemplar entrou novamente no prelo para receber, logo abaixo do cabeçalho, num espaço em branco, os seguintes dizeres: «Redator-Chefe — Silvério Nery, Governador do Estado.» E o pasquim, a salvo da polícia, foi largamente espalhado pela cidade, sendo o resto lançado no Correio de Belém do Pará. O feitiço virou contra o feiticeiro. Foi um tiro pela culatra, em cujo retrocesso os estilhaços alcançaram em cheio o Governador do Estado e o Redator-Chefe do jornal oficioso.

Não há dúvida, foi uma revanche diabólica. Mas, pouco tempo depois o «Quo Vadis?» desaparecia nas chamas de um incêndio.

Raul de Azevedo, nos seus sessenta anos de jornalismo, teve muitos outros dissabores. A política lhe foi megera, mas nunca lhe venceu o entusiasmo e o espírito de combatividade que êle soube demonstrar até a morte.

Poucos políticos e administradores, justa ou injustamente, escapam à pecha de desonestidade com que os atacam os inimigos. Nisso, Raul foi uma exceção. Apesar de ter desempenhado funções relevantes na política e ocupado altos cargos de administração, jamais lhe puderam os adversários taxar de desonesto ou envolvê-lo, seguer, em qualquer suspeita. Passou pela vida pública de mãos limpas e assim as soube conservar sempre.

Quando Governador do Amazonas, meu pai, Cel. Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, convidou Raul para Oficial de seu Gabinete. Algum tempo mais tarde, quando da cisão política com o ex-Governador Silvério Nery, que passou a chefiar a oposição ao Govêrno Bittencourt, Raul de Azevedo, tradicionalmente ligado aos Nery, solicita sua demissão do cargo, em caráter irrevogável, por se julgar suspeito. Tal gesto, de inusitada firmeza

e não menor galanteria, só lhe acarretou elogios, especialmente do Velho Bittencourt.

Polìticamente separados, sòmente muito mais tarde nos reaproximamos, quando desapareceu dentro de nós o motivo daquela dissensão. Mas, nunca deixamos de ter notícias um do outro, quer através das atividades literárias, quer pela ação de amigos comuns.

Como intelectual, o saudoso acadêmico escreveu muitos livros — romances, relatos de viagens, coletâneas de biografias e de artigos de jornais, novelas, ensaios, além de relatórios referentes às suas administrações nos Serviços de Correios e Telégrafos, etc.

Sua bagagem literária anda por perto de trinta volumes. A seu respeito, podemos dizer o que êle, neste lugar, afirmou de Benjamin Lima, quando lhe teceu o necrológio, isto é, ter passado a vida inteira a escrever, até poucos dias antes de sua morte, já recostado ao espaldar da cama, e ainda redigindo artigos, respondendo a correspondência, enamorado da vida, cheio de espírito vibrátil.

Os mais acentuados pendores literários de Raul de Azevedo foram a ficção e a observação psicológica, postas a serviço de romances de feição novelesca, passados em ambiente citadino, «glamourizados». Eram bem o retrato de seu autor, «blagueur» fino, figura «donjuanesca» e elegante. conversador apreciado, freqüentador dos salões da elite, onde quer que se encontrasse.

A primeira de suas obras foi «Doutor Renato», demasiadamente livre e luxuriosa para a época em que apareceu, fruto incipiente do artista ainda em formação. O fato é que aquela reincarnação de D. Juan Tenório encontrou fechadas tôdas as portas da família amazonense. Raul sentiu a repulsa e retraiu-se.

Acredito que tal estesia impertinente não estava, verdadeiramente, em sua conduta.

Depois, pudemos observar a modificação temperamental do romancista através da linha sóbria e moderada contida em suas obras subseqüentes, como, por exemplo, «Amores de Gente Nova», «Aquela Mulher...» e «Louras do Sul e Morenas do Norte», tendo êste último, ainda mais que os outros, obtido da crítica entusiástica recepção.

As mulheres formosas e inteligentes constituiam um permanente fascínio para seu espírito, desde aquela personagem imaginária do romance «Doutor Renato», numa alcova artìsticamente arranjada, até «Dona Beija», de Araxá, tôdas enchiam de perfubadores perfumes a alma do romancista.

Mesmo tendo atingido a idade provecta de mais de 80 anos em que terminou seus dias, o ponto vulnerável de Raul de Azevedo estava no belo sexo.

Também estimava os teatros e a boa música. E era capaz de passar noites seguidas nas redações de jornais ou em tertúlias literárias, de preferência se também lá estivesse a presença feminina.

«Dona Beija» foi o último trabalho publicado em vida do acadêmico, aparecendo em 1957. E' uma recolta de assuntos interessantes, começando por uma extensa apreciação dos encantos físicos e intelectuais da personagem que deu título à obra uma beldade que vivera na cidade mineira de Araxá e pela qual até os velhos se apaixonavam. Raul de Azevedo, lá indo fazer uma estação de águas, encontrou apenas a fama, bem viva e exaltada daqueles encantos, bem assim retratos em pôses graciosas e tentadoras da provinciana. Foi o bastante para que ficasse emocionado, E' êle quem nô-lo conta, ao traçar o perfil daquela mulher radiosa caída do céu para tentar nos homens o fogo do amor.

Um amigo de Raul, pintor notável, percebendo-lhe o interêsse em possuir um retrato de Dona Beija desnuda, semelhante a um que lhe viera parar às mãos, prepara-lhe um vistoso quadro a óleo, um presente régio. Êsse trabalho de arte, o obsequiado o apõe à parede de seu gabinete de trabalho, em frente à escrivaninha. E afirmava que, ao faltar-lhe inspiração, erguia a cabeça e, logo, a tela fazia remoçar seu espírito na abundância de imagens de que necessitava.

Porém a obra do jornalista não se limitou a descrições de viagens, biografias, motivos políticos e devaneios líricos. Como excelente burocrata postal, atividade em que se aposentou, escreveu vários Relatórios dos serviços a seu cargo, sempre nas respectivas chefias, no Amazonas, em Juiz de Fora, São Paulo e Rio de Janeiro. Sôbre sua atuação no Amazonas, convém ressaltar que jamais se plasmou relatório melhor que o seu.

Mas eis que me alongo, quase quebrando a promessa, antes feita, de apenas evocar a figura de Raul de Azevedo menos numa apreciação crítica — a qual, de mais a mais, em tão curto espaço de tempo não me atreveria a fazer — que numa homenagem de saudade e reverência à sua memória. Acresce a circunstância de ser impossível querer, em tão breves minutos, registrar e comentar as vibrações de mais de sessenta anos de operosidade duma inteligência incansável, ávida de discorrer sôbre o «jour-à-jour» social e literário, do qual fazia sempre questão de inteirar-se ou de participar amplamente. Porque Raul de Azevedo, antes e acima de tudo o mais, constituiu um vibrante exemplo de amor à vida.

Devo concluir, expressando ao consagrado poeta Petrarca Maranhão meus sinceros agradecimentos pelo apoio do seu braço forte e de sua fidalguia de trato ao me fazer entrar neste recinto de brilhante espiritualidade.

À Academia Amazonense de Letras, também meu reconhecimento pela honra de sua delegação.

E a esta excelsa Federação das Academias de Letras do Brasil, hostiário de talentos, o penhor do meu devotamento e estima, por sua acolhida cordial e generosa.

Senhores: diz-se que os helenos dos dias de Péricles, quando terminadas as olimpíadas ou as reuniões cívicas e teatrais, batiam um gongo e, num **sursum corda,** proferiam a palavra «Pátria». E' o que tenho ímpeto de fazer vendo-vos aqui reunidos, participantes que sois da vida moderna e esmagadora, acastelados no coração desta grande metrópole, e praticando patriotismo — o patriotismo de congregar para pensar e transmitir.

E' nesta hora decisiva de acelerada transição social e progresso técnico sem precedentes no mundo, gerando um inexorável desamor às letras e à disciplina do espírito, quê parcela respeitável e utilíssima constituis para a nossa Pátria, a bem de cuja glória e grandeza espirituais, sempre estará a postos a Federação das Academias de Letras do Brasil!

Composto e impresso nas oficinas da Papelaria e Tipografia Pena Dourada Ltda.
Rua dos Inválidos, 178 — Telefone 32-0238 — Rio de Janeiro

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA